



Universidades Lusíada

Conceição, Nuno

Projectar no espaço livre entre as coisas

<http://hdl.handle.net/11067/4971>

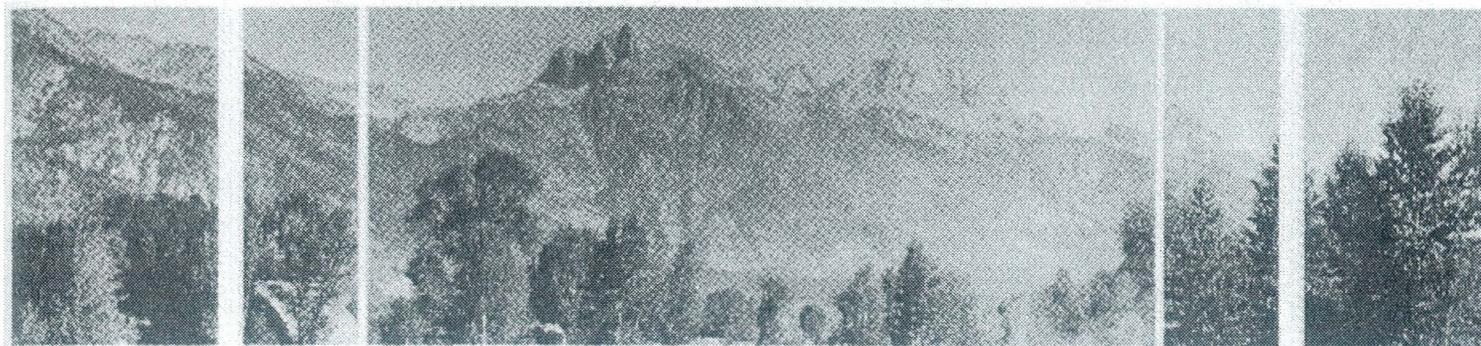
Metadata

Issue Date 2002

Abstract A Arquitectura revela e propõe uma sucessão de acontecimentos, de continuidades e rupturas, que ao longo do tempo codificam vivências, atitudes, posturas, comportamentos, usos e formas de habitar que constituem a nossa memória, a nossa história e as nossas histórias, escritas na e através da arquitectura. O espaço construído, o cadastro que a arquitectura desde sempre nos lega, e que vai definindo o território, torna a realidade tangível, gerando uma arqueologia, testemunho, memória e história do...

Type bookPart

This page was automatically generated in 2020-03-05T07:20:07Z with information provided by the Repository



1. Mies van der Rohe, Resor house, 1937-38, Wyoming. Perspectiva interior da sala de estar.

PROJECTAR NO ESPAÇO LIVRE ENTRE AS COISAS NUNO CONCEIÇÃO

Arquitectura revela e propõe uma sucessão de acontecimentos, de continuidades e rupturas, que ao longo do tempo codificam vivências, atitudes, posturas, comportamentos, usos e formas de habitar que constituem a nossa memória, a nossa história e as nossas histórias, escritas na e através da arquitectura.

O espaço construído, o cadastro que a arquitectura desde sempre nos lega, e que vai definindo o território, torna a realidade tangível, gerando uma arqueologia, testemunho, memória e história dos povos e das sociedades, no devir de filosofias, políticas e sistemas sociais.

Ao evoluirmos para um contexto de uniformização, de expansão e de densificação exponencial do espaço urbano, para a cidade fragmentada, continuamente consumida ao ritmo televisivo, igual a si, representando-se a si própria, em que nos deslocamos entre discontinuidades de 'zapping' pela alternância de lugares e não lugares, estaremos a caminhar para um mundo incapaz de se ver a si próprio, porque para ele só ele existe, incapaz de focalizar porque não existe fora, pois ele é único e total.

Com a dificuldade crescente em definir estratégias de estruturação do território assiste-se à sublimação do lugar. Projecta-se o lugar porque só o lugar é focalizável. A unidade urbana dominante (possível) passa a ser o lugar em detrimento da cidade, uma vez que tudo tende a ser cidade. O lugar afirma-se como unidade definidora do território, o lugar enquanto indivíduo da urbanidade global. O lugar-indivíduo substitui a cidade-assembleia na organização do espaço e da sociedade.

Na cidade contínua, com o afastamento do rural e do natural, a noção de paisagem e o dualismo interior/exterior são profundamente alterados. Para o indivíduo protagonista do mundo, o rural, o campo, a paisagem, e o valor da janela como vão aberto para a

paisagem, a janela-quadro, serão referências cada vez mais longínquas, memórias, signos de uma realidade que já não existe. É uma confrontação que se perde, que altera a relação perceptiva que o indivíduo tem do mundo e conseqüentemente a consciência que tem do espaço construído.

O advento das tecnologias da comunicação, do virtual e do ciberespaço promove(?) a diversidade e a multiplicidade, a formação de públicos e de mercados, a circulação e a democratização da informação. Mas também tende a esbater diferenças e regionalismos, substituir a distância das coisas e confundir cronologias. Estrutura o mundo numa rede de lugares (sites). É um mundo onde temos a escala do indivíduo (casa, endereço) e depois só a escala do mundo (cidade global, rede). Temos o micro e o macro sem escalas intermédias. Este intervalo é agora um espaço intersticial, um vazio.

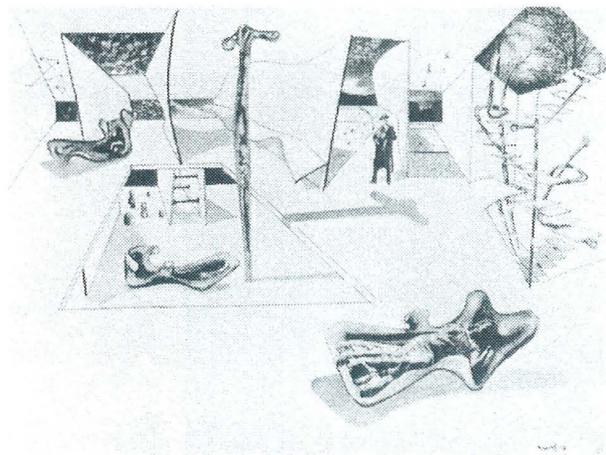
O indivíduo existe no contexto global e vive num presente contínuo em que a iminência do que acaba de acontecer, do que acabou de acontecer e daquilo que está para acontecer já não se deixa inscrever na sequência ordenada da história, em que tudo é acontecimento, e tudo acontece num momento simultâneo com todos os momentos imediatos, anteriores e posteriores.

A simultaneidade e a importância do instante implicam a falência do perene e tornam a realidade árdua de apreender.

Ao ritmo veloz a que sucedem os acontecimentos, em quantidade, diversidade e simultaneidade, o lugar que o indivíduo apreende torna-se naquilo que a cada momento é possível focalizar dentro de uma multiplicidade imensa, global, onde é difícil interpretar estruturas e estabelecer referências, e onde o indivíduo não se situa.

Se a cada momento só existe o focalizável, se a cidade é contínua e centrífuga, e se deixamos de nos relacionar com a natureza e com ela intermediar uma escala com o mundo, o mundo (global) torna-se irrepresentável nas categorias e conceitos espacio-temporais tradicionais.

Assim, será mais difícil o surgimento de unidades descritíveis, dentro de uma gramática universal, de situações apreensíveis, identificáveis e reconhecíveis enquanto signo ou signo-padrão, de entidades articuláveis em estruturas definidas, dentro do seu



2. Robert Matta, Maquete-projecto de um apartamento, 1938.

tempo, que torne possível a existência de linguagens e significações, constituindo um patrimônio que permite relacionar em memória no espaço-tempo, que permite ter consciência da existência, criando referências e referenciais, padrões e contextos.

Urge, por isso, uma séria reflexão sobre os meios, métodos e modos de representação, um investimento real na leitura das situações, um cuidado na concepção e realização e expressão daquilo que se produz. É necessário saber ultrapassar a circunstância, pela interiorização de regras, na procura do singular e da fixação de unidades de representação, dentro da ideia fundadora de um mundo sensível, que o desenho representa, pois é à Arquitectura na sua fisicidade que cabe a permanência do lugar e seu instrumento fundamental é o desenho enquanto desígnio de significações.